



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Fevereiro de 2012, nº 148



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

O tempo flui entre suas mãos qual névoa travessa, antes que você se dê por satisfeita na sua busca incessante em ser cada vez mais verdadeira, objetiva, consequente. Mas nada disso pode ser alcançado antes que você adquira plena consciência de si mesma. Sem isso, não há sequer como ter lealdade, pois a postura reativa diante dos fatos fará você oscilar, como uma folha seca, ao sabor das águas.

Uma atitude cristalina, vestida com a qualidade da lucidez, só é possível quando originada do centro de si mesma, no ponto onde coração e mente se encontram, sagrado espaço cuja conquista representa um tesouro sem conta. Conhecer este ponto e nele permanecer é a chave que proporcionará à sua vida as características que você vem perseguindo até então. Busque conhecer quem você é, de fato, além daquela que outros disseram ser. Despida das máscaras, experimente confrontar suas convicções, inseguranças, avaliando com isenção inclusive as atitudes não racionais. Emergindo deste mergulho você

saberá quais os pontos de sua natureza estão ainda carentes de lapidação, a fim de que seu brilho se expresse em toda a sua grandeza.

É fundamental perguntar-se qual a parte de si mesma é defensiva, quais as dobras das cortinas de seus valores abrigam o preconceito, o que torna você às vezes inflexível, qual o tom da palavra que você costuma ouvir tão frequentemente distorcida. Honestidade de intenção e atitude é a base para o movimento de mudança ancorado em consciência, por mais dolorosa que possa ser essa empreitada.

Abençoando sua jornada, derramo meu manto de luz no firmamento, a sinalizar o caminho do altar sagrado, permitindo que a soberania do amor oriente você com firmeza. Cabe a você, filha querida, desnudar-se sem medo ou culpa, cultivando a certeza de que meu brilho se refletirá em seus olhos, na medida certa de sua entrega e compromisso.

Em bênçãos prateadas de amor,

Aquela que é.



Mirella Faur



L U A , S E N H O R A D A N O I T E E D E U S A M ã E

“Senhora Lua, Tu que andas pelos bosques sagrados e és venerada com muitos ritos diferentes, Tu, cuja luz feminina ilumina os recantos de todas as cidades, Tu, cujo brilho enevoadado nutre as sementes escondidos na terra, eu Te imploro sob todos os nomes, aspectos e cerimônias com quais podes ser invocada, para conferir-me paz e tranquilidade”...

Apuleios século 2, Invocação à Lua, do livro “O asno de ouro”

Desde a antiguidade, a Lua tem sido venerada pela maioria dos povos como a personificação do princípio divino feminino. Os cultos da Grande Mãe originaram-se na Era de Câncer (8.600 a.C.) e, no decorrer dos milênios, várias culturas e civilizações veneraram Deusas Lunares, conhecidas sob diversos nomes e representações, de acordo com o país de origem. No período neolítico a Lua era reverenciada como “A Deusa da vida e da morte” e suas fases crescente e minguante simbolizavam os ciclos da vida natural e humana. O touro era um símbolo lunar neolítico, pois seus chifres reproduziam o crescente lunar e sua virilidade representava a força vital.

Plutarco escreveu que os egípcios chamavam a Lua de “Mãe do Universo” devido à sua luz, que promovia a fertilidade e a geração dos seres vivos. Os babilônios consideravam a Lua mais importante do que o Sol, os persas a chamaram de Matra (“mãe”) e os hindus diziam que a Lua era o espelho da Deusa Maia que tudo refletia. Os índios Sioux denominaram a Lua de “A Velha mulher que nunca morre”, os iroqueses de “A eterna”, os polinésios de Hina, “A primeira mulher” e para os finlandeses, a Criadora era a deusa Luonatar (a Lua).

Os estudos das antigas tradições e mitologias revelam que a Grande Mãe, apesar dos seus inúmeros atributos e faces, era vista principalmente como uma Deusa Tríplice: Donzela, Mãe, Anciã. Esta interpretação mais simples foi baseada no ciclo das três fases da lua (crescente, cheia, minguante). Desde a antiga Babilônia, três era um número sagrado simbolizando início, meio, fim / nascimento, crescimento, morte / infância, idade adulta, velhice / corpo, mente, espírito / pai, mãe, filho. Em outras versões mais tardias, o mês lunar foi dividido em quatro quartos e assim foi acrescentado o quarto aspecto, da Lua Nova e/ou da Lua Negra, correspondendo à Deusa Anciã. A terra também tem quatro fases ou estações, seguindo-se ao ciclo do florescimento, a plenitude da vegetação, a colheita e o ciclo da aridez, do silêncio e repouso.

As fases da Lua na Tradição da Deusa

Na Tradição da Deusa, na fase nova ou crescente, a Lua é a jovem que corre livre pelos campos, dançando e se alegrando com as plantas e animais. Ela é completa em si mesma (a virgem) ou pode ser sexualmente ativa (a ninfa), porém sem assumir compromissos. Representantes deste aspecto são as deusas Ártemis e Diana. Na segunda fase, ela se entrega totalmente ao relacionamento, seja com um consorte, seja com o filho (como Maria e Deméter). É nesta fase que os namorados curtem a Lua ou vão para a “lua de mel”. Na terceira fase, a luz diminui e a mãe deve abrir mão do seu filho (como fizeram Maria e Deméter), para que ele/ela cumpra a sua missão. Na última fase, a Lua se encaminha rumo à sua invisibilidade; assim como Ishtar e Inanna, ela se despe do seu brilho perante a Deusa do mundo subterrâneo, ou como Perséfone se une a Hades e alcança a maturidade e sabedoria, que lhe permitem iniciar novamente um ciclo. É nesta fase que a Deusa se manifesta como a Anciã, a Senhora Hécate ou a Mulher Sábia, cujo totem é o cão uivando para a Lua, ervas, poções, visões, encantamentos e as encruzilhadas.

Muitos povos antigos consideravam a Lua como sendo a guardiã das almas entre as reencarnações, pois ela tanto cuidava dos que tinham falecido, quanto daqueles que ainda não tinham nascido. Era a Lua que também zelava pelo sangue menstrual das mulheres, sendo honrada como a “guardiã do cálice do líquido da vida” e era ela que governava as marés da vida e da morte. As mulheres antigas procuravam casar na lua cheia, as xamãs e as sacerdotisas da Antiga Fé praticavam na lua cheia o ritual de “puxar a Lua”, para atrair seus poderes mágicos. Muitas datas, crenças e costumes ligados à Lua foram adaptados no calendário cristão. Apesar da proibição e punição pela igreja cristã das antigas práticas e rituais lunares, durante muito tempo os camponeses seguiam as fases lunares para plantar,

Mirella Faur

Círculos Sagrados
para mulheres contemporâneas

COQUETEL DE LANÇAMENTO DO LIVRO E PALESTRA COM A AUTORA

28 de março de 2012
quarta-feira
de 19h às 21h30

Teatro Eva Herz
Livraria Cultura Iguatemi Brasília

Práticas, Rituais e Cerimônias para o Resgate da Sabedoria Ancestral e a Espiritualidade Feminina

livraria cultura
SHIN CA 04 Lote A Loja 101
Lago Norte - Brasília/DF
fone: 2109-2700

Pensamento

colher, cortar madeira, acasalar e abater os animais. Assim como foi citada por Apuleios, a Lua era reverenciada sob uma multiplicidade de nomes e apresentações; nos panteões greco-romanos e celtas muitas das deusas têm aspectos ou atributos lunares. Porém não se encontra uma só deusa que possua a gama completa do simbolismo lunar.



Deusa Selene

Uma das mais antigas deusas regentes da Lua cheia é a grega Selene ou Selenia (chamada também de Mene (mês), Phoebe (brilho lunar), Pasifae (a brilhante), Hilaeria (luz suave) e pelos romanos de Luna. O seu culto foi esquecido com a passar do tempo, mas com o ressurgimento da Tradição da Deusa, do neo-paganismo e da Wicca, o seu arquétipo foi reativado na consciência humana. Mesmo tendo sido esquecida e seus poderes distorcidos pelas religiões patriarcais, Selene está sendo novamente honrada e cultuada, seus atributos brilhando entre as nuvens escuras da negação e proibição.

Selene era filha dos Titãs Thea e Hyperion, irmã do deus solar Helios (ou Phoebus) e de Eos, a deusa da alvorada. Alada e com o rosto redondo coberto por um véu, a pele muito branca, coroada com o disco lunar e vestida com roupas brancas esvoaçantes, Selene se levantava do mar ao anoitecer e atravessava o céu noturno em uma carruagem de prata puxada por cavalos ou touros brancos ou prateados. Seus títulos incluíam Face radiante, Asas amplas, Pele branca, Olhos cintilantes, Luz prateada, Andarilha noturna, Portadora de chifres, Aque despertava o desejo. Certos autores consideram Selene outro nome de Ártemis e Diana, mas isso não corresponde à verdade.

Ela representava uma das faces da Lua, junto com Ártemis e Hécate, personificando em conjunto a lua cheia, crescente e minguante. Diferente de Ártemis que regia a lua crescente e era conhecida pelo seu aspecto virginal, Selene teve inúmeros amantes (incluindo Zeus, com quem teve três filhas) sem se apegar a nenhum deles, até encontrar Endymion, um lindo e jovem pastor de ovelhas e nutrir uma paixão avassaladora por ele.

Cada noite ela o adormecia beijando-o com ardor, uma metáfora para a luz lunar envolvendo os campos. Fascinada pelo seu amor, Selene começou a negligenciar sua atribuição, sumindo algumas noites e voltando fraca e pálida após suas noitadas amorosas, sem energia para carregar o disco lunar e iluminar o céu. Zeus interveio e para afastar o pastor que perturbava a ordem celeste, lhe ofereceu duas opções: a morte ou o sono eterno, invulnerável à passagem do tempo, opção escolhida pelo vaidoso jovem para que se preservasse jovem e bonito. Selene continuou visitando-o na gruta do Monte Latmus na Ásia menor, onde Endymion permanecia adormecido; mesmo sem poder acordá-lo, eles tiveram cinquenta filhas (as Menai), que representam as regentes dos cinquenta meses lunares – ou quatro anos- de intervalo entre uma Olimpíada e outra. Quando Selene vai visitá-lo, a Lua começa a diminuir seu tamanho e a luz enfraquece até desaparecer.

Quando ela volta para o seu dever, a Lua vai aumentando até se tornar cheia e brilhante. Endymion simboliza a parte adormecida da mente humana, influenciada pelas fases da Lua durante os sonhos e fertilizada pelas ideias criativas, assim como durante o sono de Endymion foram geradas as suas cinquenta filhas. Acreditava-se que Selene tinha o poder de inspirar amor e favorecer a fertilidade devido à sua associação com a Lua, que ficava grávida e paria uma lua nova cada mês, mas ao mesmo tempo seu aspecto mutável alertava sobre o risco da ilusão. Selene pode ser invocada atualmente para despertar a intuição e proporcionar visões psíquicas e sonhos reveladores, esclarecendo dúvidas e trazendo soluções, que ficam guardadas no subconsciente.

A Lua e o princípio feminino

Como símbolo do princípio feminino, a Lua representa os estados da alma, os valores do inconsciente, as emoções e o psiquismo, a receptividade, sensibilidade, fertilidade, inspiração e intuição. As fases lunares caracterizam aspectos psicológicos e estágios de transformação, que acompanham a trajetória mensal e anual da vida da mulher. A Lua influencia o desenvolvimento e o crescimento das plantas, o movimento das marés e dos fluidos corporais, o ciclo menstrual, a concepção, geração e nascimento de todos os seres vivos. Como a água simboliza as emoções e a Lua influencia as marés, é natural ver a Lua como regente da emotividade feminina, assim como seu ciclo de 28 dias e meio é associado ao ciclo menstrual. Inúmeros ossos e chifres oriundos da era glacial foram gravados com 28 a 30 linhas, correspondendo a um mês lunar.



No ano solar existem 13 meses lunares, número que explica o medo cristão e a difamação do número 13, considerado nefasto por ser associado à Deusa, à Lua e à mulher.

Ao longo da história, a Lua e as suas faces mutáveis têm sido foco central de cultos e rituais, fonte de inspiração para poetas e trovadores, origem primordial dos calendários, baseados nos ciclos menstruais da mulher.

A Lua era a marcadora do tempo certo para atividades agrícolas, considerada um dos luminares da astrologia (juntamente com o Sol); atualmente tornou-se assunto de inúmeras pesquisas e explorações científicas e tecnológicas. À medida que as antigas culturas matrifocais, centradas na reverência à Deusa e aos valores por ela representados, foram desaparecendo sendo substituídas pelas hierarquias e estruturas patriarcais, o princípio lunar feminino foi sendo sobrepujado pelo princípio solar masculino. A Lua passou a ter conotações sombrias, ligadas aos aspectos instintivos, inconscientes e ocultos do ser humano, um sinônimo para a inconstância e a instabilidade emocional feminina, alertando sobre o perigo das práticas mágicas e atividades ocultas.

As exigências impostas pelo mundo solar masculino obrigaram as mulheres a ignorar e se distanciar do seu lado lunar. Em uma sociedade que venera o pensamento científico, a razão e a ação, a intuição passou a ser ignorada, a emotividade reprimida e a sensibilidade – quando aumentada durante o ciclo menstrual – considerada uma síndrome doentia e abafada com remédios. Ao se ignorar a intuição e trocar a contemplação pela ação, negligenciando o Eu interior e escondendo as emoções, abriram-se as portas para o desequilíbrio emocional e mental, os erros de avaliação, as armadilhas afetivas, o afloramento do material psíquico desordenado e o distanciamento dos valores e práticas espirituais.



Apesar de todos os avanços científicos e tecnológicos, não se pode impunemente banir de nossa existência - centrada em parâmetros materiais - os sutis aspectos e influências lunares. Os valores solares prevaleceram na nossa sociedade, mas o lado lunar e as necessidades a ele relacionadas não podem ser apagados ou anulados. Por isso, é benéfico e importante encontrar soluções práticas para contrabalançar de forma consciente as polaridades lunares e solares da nossa natureza.

Século XX

As últimas décadas do século XX têm trazido uma mudança cada vez mais acentuada nos conceitos e nas escalas de valores da humanidade. Aumentou a busca para o conhecimento e transformação interior, para a integração com a natureza e seus elementos e seres, para a expansão da consciência e a realização espiritual. Ressurgiram as antigas tradições, práticas e conhecimentos esotéricos e a dimensão mágica e oculta da Deusa Lua está sendo reativada no mundo inteiro pelos movimentos esotéricos, ocultistas, feministas e ecológicos. A Deusa está se tornando cada vez mais presente em nosso mundo e a conexão com os atributos e significados lunares contribuem para criar um canal de recepção e difusão da Sua energia inspiradora, criadora e transformadora.

No mapa astrológico natal a Lua funciona como um receptáculo, o próprio caldeirão da Deusa, descrito nas lendas medievais como O Graal (ou Cálice Sagrado). Tudo o que vivenciamos e lembramos é guardado no caldeirão da Deusa. Assim, a Lua representa nossas emoções, nossos hábitos comportamentais, o próprio subconsciente pessoal. Na astrologia cármica, a Lua representa a fonte dos padrões emocionais do passado, que direcionam de forma inconsciente nossas ações presentes. Dentre todos os relacionamentos, o mais importante é com a nossa mãe representada pela Lua. A maneira como fomos nutridos no ventre e na infância e o tipo de amor que recebemos (ou sentimos sua falta) têm um papel determinante para formar as reações impulsivas que governam o nosso comportamento.

A chave da relação mãe/filho sugerida pelo mapa natal é ligada à posição da Lua no signo, casa e aspectos. É possível que a fase natal da Lua descreva a infância, por exemplo, a lua minguante indique uma criança que se sentiu isolada ou carente, ou revele uma alma antiga e madura. Os bebês da lua cheia sentem com maior intensidade as marés e a influência da mãe durante a sua vida, mesmo quando precisam cortar os laços e se tornarem autossuficientes. As crianças da fase crescente são mais inseguras e expressam melhor suas emoções e necessidades.

Além da Lua, as características maternas dependem também do asteroide Ceres, que descreve a segurança material e os meios oferecidos pela mãe à criança para ela se realizar no mundo, enquanto a Lua detém a chave da segurança emocional e do amor materno recebido na infância. A posição da Terra no mapa (180 graus distante do Sol, ou seja, o signo oposto) representa a terceira forma de energia maternal e indica a conexão espiritual com a Grande Mãe e as formas em que a criatividade pessoal irá se manifestar.

A lua e os aspectos emocionais da Mulher

Conhecer as características do signo lunar facilita a compreensão da estrutura emocional, reconhecendo as motivações subconscientes e evitando as respostas instintivas ou racionais com a ajuda da intuição. A Lua rege a intuição, a memória, a relação da feminilidade e o padrão emocional. Observar as fases lunares e suas influências sobre seu comportamento, saúde, humor, disposição, sensibilidade, sexualidade, apetite ou compulsões, pode tornar-se um auxiliar precioso para



detectar – e evitar – atitudes instintivas, reações exageradas ou atos perniciosos. A Lua exerce sobre a mulher uma influência determinante na sua constituição física e emocional, nos seus ciclos biológicos e hormonais, no seu equilíbrio psíquico e mental. Dezenas de estudos médicos e de estatísticas policiais comprovam o aumento da tensão emocional durante a lua cheia e nova, levando ao aumento dos distúrbios psíquicos, das internações psiquiátricas, violências, acidentes, crimes e suicídios.

As teorias astrológicas que associam a Lua com a infância sustentam que à medida do crescimento, o ser humano se direciona para o simbolismo do seu signo solar, ou seja, se distancia das reações instintivas e emocionais e também da ligação com a mãe, adquirindo uma maior consciência racional dos seus propósitos. Porém esta ênfase unilateral, que vê a Lua como algo negativo que deve ser superado e o Sol como um alvo positivo a ser alcançado, desvaloriza o feminino, enfatiza o simbolismo paterno e reflete o medo masculino do inconsciente feminino, características das sociedades patriarcais e solares. A solução para esta

dicotomia é aceitar e integrar as emoções lunares com a racionalidade solar, a mente com o coração, a razão com a intuição, em uma complementação harmoniosa, sem negar ou enfatizar apenas um dos polos.

Os astrônomos descrevem a Lua como um astro árido e rochoso, um satélite morto da Terra, sem possuir qualidades fertilizadoras ou vitalizadoras. Como então a Lua pode simbolizar os atributos da Deusa como “Doadora da Vida” e como lhe foi atribuída uma natureza aquosa? Quando Galileu observou a Lua por um telescópio, ele denominou as inúmeras crateras de oceanos (mares) o que implicava na existência de água. Por outro lado, os astronautas que chegaram à Lua em 1969 relataram experiências espirituais profundas, que para muitos levaram a uma mudança das suas vidas. Ainda não foram cientificamente explicados e elucidados os atributos de fertilidade da Lua, que continua mergulhada nos seus mistérios como uma verdadeira guardiã dos antigos segredos. No entanto, existe uma concordância universal sobre o seu simbolismo materno e a sua influência sobre as emoções.

As meditações em grupo, na Lua nova e principalmente na cheia, são recursos simples e práticos para equilibrar e reintegrar os hemisférios e equilibrar a polaridade sol-lunar. Por todo o mundo, centenas de grupos espiritualistas, escolas ocultistas, organizações eco-feministas recomendam e realizam meditações lunares. Durante a lua cheia, a nossa psique se abre mais facilmente para as energias cósmicas e espirituais, que são amplificadas pelo magnetismo lunar. Ao se reunirem durante a lua cheia, as mulheres, além de se harmonizarem entre si e consigo mesmas, criam um cálice luminoso que pode irradiar energias positivas para toda a humanidade e para o próprio planeta. Nos rituais de plenilúnio (lua cheia) invoca-se a Deusa no seu aspecto de Mãe, atraem-se suas bênçãos por meio de invocações, gestos, cânticos e danças, direcionando depois o poder mágico assim criado para benefícios pessoais, coletivos ou globais. A energia da lua cheia é perfeita para manifestar ideias, concretizar objetivos, expandir intenções e se conectar com a Deusa interior, reafirmando assim, a ligação ancestral e espiritual com a Lua, eterna governanta do corpo feminino e reflexo prateado do brilho da Mãe Divina.



Próximo Plenilúnio:

08 de março, 20h

Celebração da Mãe Terra chinesa Di Mu

Dia Internacional da Mulher

somente para mulheres

A caminhada

Por Vera Pinheiro

A manhã estava fresca e um pouco nublada. Vesti uma roupa confortável, tênis, passei protetor solar, peguei um chapéu, óculos escuros, uma garrafinha de água e uma sombrinha que me serviria tanto para chuva quanto para sol, sem ideia dos humores do clima no dia em que decidi fazer uma caminhada meditativa, às vésperas de mais uma jornada iniciática na minha religião. Tinha em mente um objetivo, o de chegar a determinado lugar, mas sem qualquer noção da distância de casa até lá. Não consegui deixar a bolsa em casa, embora o meu esforço para esvaziá-la ao máximo. Ela pesava muito à medida que avançava a quilometragem, e confesso a vontade de deixar metade das coisas pelo caminho, ao que resisti bravamente para evitar arrependimentos futuros. Afinal, o que ela continha era o que eu julgava ser absolutamente necessário.

Os primeiros dois quilômetros foram os mais difíceis. Senti-me obrigada a fazer um pit stop em paradas de ônibus para recuperar o fôlego. O coração queria escapular pela boca e eu arfava como uma asmática sem bombinha. Para acalmar a respiração, comecei a orar. Isso sempre dá certo. Lembrei, então, que meu filho usou um cajado quando caminhava por Macchu Picchu e busquei o mesmo auxílio. À beira da estrada catei um galho de árvore e nele me apoiei, chamando-o de “Fé”. Fiz todo o trajeto confirmando quão fundamental é a fé para cada passo que se dá. Ficou bem mais fácil.

Observava a paisagem enquanto andava. Vi o desamor das pessoas que jogam latas de cerveja pelas janelas dos carros e vi pedaços de carros destruídos com a vida. Vi árvores sobreviventes do fogo na época da chuva. E vi que resisti várias vezes ao desânimo, renunciando me entregar às dificuldades que enfrentei. A coragem se moldou em momentos de provação, testando a minha fé e fortalecendo-a.

Eu me agarrava ao cajado e dava três passos para um dos dele. Constatei que precisava daquela escora, e de muita fé, mais nas subidas do que nas descidas. Pensava que seria o contrário, baseada na máxima de que “na descida todo santo ajuda”, pois me daria segurança para não cair. Porém, quando estamos subindo (na carreira, nos relacionamentos, nas finanças), mais precisamos de cuidado para que não nos atinjam a vaidade, o orgulho e a inveja. A humildade, nessa hora, é essencial para o reconhecimento de que tudo o que nos acontece de bom é uma generosa dádiva divina a que devemos agradecer a todo instante, pedindo que sejamos merecedores.

Ao longo da caminhada, olhava o chão. É preciso estar atento aos caminhos que escolhemos fazer, colocando um olho para vigiar cada lado. Ali, no caso, era mato de um lado e do outro, asfalto.



Eu andava por uma trilha que seria o acostamento, que não existia. Nenhum carro parou e a ninguém pedi ajuda, pois o que é de cada um a outro não pertence, assim devemos tomar o rumo escolhido sem queixumes. Encontrei lindas pedrinhas, que juntei. Trouxe comigo um bellissimo cristal pontiagudo e, surpresa, um coração azul. Na minha existência, aconteceram encontros com preciosidades que não recolhi e tropeços em sentimentos sem me dar conta, por estar distraída, apressada ou, por desilusão, ausente.

Com os olhos no céu, compreendi que as nuvens não escondem o sol, pois ele continua iluminando o dia, mesmo quando a vida está nublada por problemas e angústias. Encarei morros sem largar o cajado. A minha fé me sustentou sempre, e ainda que, claudicante, me achegasse ao perigo, não perdi o passo. Bebia pequenos goles de água e me lembrava da necessidade de poupar energia (a minha, inclusive). Em um recanto de gramado bonito e já com a mente esvaziada, descansei o corpo. Não sentia cansaço, mas um bem estar enorme! Tirei as pedrinhas da bolsa e não lamentei aquelas que eu deixei para trás. Ainda que belas, por serem pesadas, não valiam a pena carregar, exatamente como algumas histórias de que se tem notícia. Melhor não se impor tamanho sacrifício, pois o amor é sinônimo de leveza, não de peso.

Minha mão direita reclamou do contato prolongado com a madeira do cajado. Um calo começou a se instalar, mas continuei a caminhada até que a mão divina colocou no chão uma luva de pedreiro, em bom estado, para aliviar a dor. Sorri, agradecida. Não pensava no que ainda havia pela frente, comemorava o que já tinha feito, mantendo o foco na meta a alcançar. Quando avistei o ponto almejado, festejei a minha determinação, que precisava reanimar. Apenas no dia seguinte, fazendo o mesmo trajeto de carro, calculei o quanto andei: 30 quilômetros. Ninguém pode querer o que é do outro, pois não sabe o quanto ele andou para chegar aonde chegou!



Ciência e Tecnologia: Salvação ou Destruição

Por Helena Maria Maltez

Tudo é questão de dosagem, não é mesmo?

O remédio, em excesso, se torna veneno.
Água, fonte de toda vida, em excesso, afoga.

Passei por uma experiência muito perturbadora nessa passagem de 2011 para 2012.

Minha filha caçula, de 8 anos, apareceu com febre e coceira no corpo. Ah, é uma rubéola qualquer... e dê-lhe chazinho, pomadinha, banho morno. Ah, é um sarampo qualquer, e dê-lhe colinho, xaropinho de mel, frutas e descanso... E os dias foram se passando e ela parecia melhorar. Foi quando o pai passou para vê-la, se assustou e levou-a ao médico.

Diagnóstico: escarlatina! Ohhh...

Começando do começo: sou avessa a médicos, tecnologia, remédios. Sempre achei que a saúde é responsabilidade nossa que não podemos delegar a outrem. Sempre defendi a autonomia nas decisões sobre a própria saúde. Defendo que a saúde é subversiva! Afinal, se todo mundo for saudável, como é que a roda da fortuna da indústria da doença sobreviverá? Exames, remédios, planos de saúde, consultórios, livros, especializações, cursos, universidades, equipamentos. Uma verdadeira fortuna gira em torno da indústria da doença.

Certo?

Certo.

Mas... alto lá! A questão é a dosagem.

A escarlatina, hoje doença boba que, se tratada no início com o antibiótico certo, não deixa nem lembrança nem rastros, era responsável pela morte de pelo menos 80% das pessoas infectadas antes da descoberta da penicilina.

(<http://www.brasilecola.com/doencas/escarlatina.htm>).

Recentemente, assisti um documentário sobre a vida de Bach. Metade de seus muitos filhos morreram na infância. Quem sabe até de escarlatina! Assim ainda acontece hoje em muitas regiões do nosso imenso país e mais imenso ainda planeta. Assistir o filme de Bach me fez pensar nessa fragilidade da vida. Então, viva a penicilina!!! Sem ela, talvez eu perdesse minha adorada Janaína, sereia que encanta minha vida.

Mas, alto lá de novo!

Isso significa que daqui para frente dê-lhe antibiótico a qualquer febrinha. É claro que não! Louvemos a tecnologia que ajuda. Mas temos que admitir que essa mesma tecnologia, capaz de curar, gerou aberrações que estão destruindo o nosso Planeta. Fragmentos de plástico se espalhando do Pólo Norte ao Pólo Sul. Químicos de efeito desconhecido invadindo nossas casas em produtos de limpeza e beleza. Transgênicos desnecessários espalhando genes deletérios pelas lavouras do país. Nossas crianças e jovens rodeados e bombardeados por ondas eletromagnéticas de celulares, laptops, joguinhos eletrônicos, ipads, ipods... cujo efeito sobre nosso frágil organismo jamais saberemos!

Não é porque é ciência e tecnologia que temos que engolir, praticar, usar. O discernimento sobre o que nos serve e o que não nos serve é totalmente nosso. O livre arbítrio nos diz que são nossas as escolhas. Podemos escolher viver mais simplesmente e usar a tecnologia somente quando necessária. Ou podemos escolher usar a tecnologia para nos espalharmos por cada centímetro do Planeta até não haver mais uma fonte de água pura nem uma única árvore de pé. A escolha é totalmente nossa.

Epitáfio: "Não se torne escravo das regras que você mesma criou", como nos conta Jamie Sams sobre as tradições dos nativos norte americanos em seu magnífico livro: "The 13 Original Clan Mothers".



Expediente Jornal Deusa Viva

Coordenação:
Nane Silva

Edição e Diagramação:
Cris Madeira, Paula Nunes e
Stella Matta Machado

Textos:
Ana Cris, Helena Maria Maltez,
Mária Amaziles, Mirella Faur e
Vera Pinheiro

Imagens de internet

Informações:
Nane - 96779453 ... Andrea - 34084065



Contos de Loba

Por Ana Cris

Somente o Necessário

Tudo que eu preciso saber sobre como viver, o que fazer, e como ser, aprendi no jardim-de-infância. A sabedoria não estava no topo da montanha mais alta, no último ano de um curso superior, mas no tanque de areia do pátio da escolinha maternal.

Vejam o que aprendi:

Dividir tudo com os companheiros.

Jogar conforme as regras do jogo.

Não bater em ninguém.

Guardar os brinquedos onde os encontrava.

Arrumar a "bagunça" que eu mesmo fazia.

Não tocar no que não era meu.

Pedir desculpas se machucava alguém.

Lavar as mãos antes de comer.

Apertar a descarga da privada.

Biscoito quente e leite frio fazem bem à saúde.

Fazer de tudo um pouco – estudar, pensar e desenhar, pintar, cantar e dançar, brincar e trabalhar, de tudo um pouco, todos os dias.

Tirar uma soneca todas as tardes.

Ao sair pelo mundo, cuidado com o trânsito, ficar sempre de mãos dadas com o companheiro.

Robert Fulghum¹

Eu encontrei esse texto há alguns anos e ele me fez rir como nunca, pois ele estava realmente certo: tudo que eu precisava saber sobre viver, o que fazer e como ser, eu aprendi no jardim de infância. Ao longo de toda a minha vida acadêmica, da graduação ao doutorado, nada foi mais relevante do que as lições do jardim de infância. E nada foi mais difícil do que aprender a arrumar a própria bagunça e pedir desculpa, se machucava alguém!

No entanto, a melhor hora no jardim de infância era a hora que a professora abria os livros e nos contava pequenas histórias. Histórias de piratas, princesas, fantasmas e coelhos falantes. Lendas de Boitatá, Saci-pererê e Curupira². Histórias que povoavam a nossa imaginação e dava-nos os elementos necessários para compreender o mundo a nossa volta. Com sua voz calma e melodiosa, geralmente a meia luz, ela transformava fantasia em realidade, evocava nossas emoções e dava asas a nossa imaginação. Voltávamos para casa como cavaleiros de dragões, temíveis piratas ou princesas encantadas.

As histórias que eu mais gostava eram do Livro da Selva³, uma coleção de contos de Rudyard Kipling, um escritor britânico que viveu na Índia por 10 anos e inspirou-se em lendas e histórias locais para criar o seu conto mais famoso "Os Irmãos de Mogli". Esse conto é a história de como Mogli, um bebê indiano foi achado por lobos após seus pais sofrerem um ataque de um tigre e aceito na alcatéia por intermédio de Bagueera, a pantera negra e Baloo, o urso, que ensina ao menino as leis da floresta. Dez anos depois Mogli não é mais aceito pelos lobos, por influência do tigre Shere Khan, e é expulso para a aldeia, onde ele terá que aprender a ser um homem. Assim, a trajetória de Mogli é a história de como crescer e encontrar o mundo ao qual você pertence.

Ao ouvir a história de Mogli no jardim de infância, eu nunca imaginei que eu iria vive-la muitos anos depois, como bióloga, estudando a ecologia e o comportamento dos lobos-guarás na savana brasileira, localmente conhecida como Cerrado. E muito menos que eu viveria quatro anos no Pantanal brasileiro, um dos poucos lugares do mundo que ainda abriga uma fauna silvestre abundante e diversificada, aprendendo com os animais silvestres a ser um humano.

Hoje, no dia do meu aniversário, eu só desejo encontrar todos os meus familiares e amigos: panteras, ursos, lobos, aqueles que andam com duas pernas e aqueles que andam sob quatro patas, aqueles que voam através do mundo digital e aqueles que voam com a imaginação e cantar a canção de Baloo "Somente o Necessário"⁴: os amigos, o lar, a saúde, o trabalho, diversão e arte. Somente o necessário, porque o extraordinário é demais!



Referências e Legendas:

1. Fulghum, R. 1988. Tudo o que eu devia saber na vida aprendi no jardim-de-infância. Editora Best Seller, São Paulo. Texto disponível em: <http://manedwolfdotwordpresdotcom.wordpress.com/>
2. Folclore brasileiro.
∴ *Boitatá* - Representada por uma cobra de fogo que protege as matas e os animais e tem a capacidade de perseguir e matar aqueles que desrespeitam a natureza.
∴ *Curupira* - Assim como o boitatá, o curupira também é um protetor das matas e dos animais silvestres. Representado por um anão de cabelos compridos e com os pés virados para trás.
∴ *Saci-Pererê* - O saci-pererê é representado por um menino negro que tem apenas uma perna. Sempre com seu cachimbo e com um gorro vermelho que lhe dá poderes mágicos. Vive aprontando travessuras e se diverte muito com isso. Adora espantar cavalos, queimar comida e acordar pessoas com gargalhadas.
3. Kipling, R. 2009. O Livro da Selva. Editora Scipione, São Paulo.
4. Música "Bare Necessities" por Terry Gilkyson tema do personagem Baloo, no filme Mogli, Disney.